APONTAMENTOS AUTOBIOGRÁFICOS DO BEL. PAULINO NOGUEIRA

BORGES DA FONSECA E DE SEUS PARENTES, PAIS, IRMÃOS E TIOS

— 1877 —

RIO DE JANEIRO

CORTE

BATISTÉRIO

CÓPIA FIEL:

Carlos Augusto Peixoto de Alencar, Presbítero Secular do Hábito de S. Pedro e Parocho collado d'esta Freguezia de S. José de Ribamar da Cidade da Fortaleza etc. etc.

Certifico que revendo os livros em que se lanção os assentos de baptistério d'esta Freguezia em um d'elles a fls. 194 achei o de que faz mensão a presente supplica, cujo theor é da maneira seguinte:

Paulino, branco, filho legítimo de Francisco Xavier Nogueira e de D. Maria Chaucha das Graças (depois Maria das Graças Nogueira) nasceu a 27 de Fevereiro de 1841 e de minha licença foi baptisado solemnemente na matriz desta Freguezia pelo Revdo. João Francisco Dias Nogueira, aos 21 de Março do dito anno; foram padrinhos o mesmo Revdo. Baptisante e D. Maria do Espírito Santo; e para constar mandei passar este assento, que assigno. O Vigário Snto. Jacyntho de Sta. Anna. E nada mais se continha em dito assento, que fielmente fiz copiar do próprio original ao qual me reposto e vai esta sem cauza que dúvida faça: o que affirmo **in fide parochi.** Ceará, 15 de janeiro de 1861. Carlos Augusto Peixoto de Alencar.

NASCIMENTO

Nasci na cidade de Fortaleza, capital da Província do Ceará, no dia 27 de janeiro de 1841. Refere minha mãe que neste dia, tendo ido à matriz ouvir missa cantada ou a primeira missa do irmão Pe. João Francisco Nogueira, no meio do ato teve as dôres, e voltando para a casa deu-mo à luz com felicidade, de modo que, quando meu tio tornou à casa, já me encontrou nascido. A casa onde nasci e onde meus pais moravam a êsse tempo, era velha de má aparência, sita ao lado direito da matriz, comprada depois pela Câmara Municipal, foi arrasada para fazer-se dela a praça arborizada que hoje existe diante da Sé. Nela nasceram também todos os meus outros manos.

Era eu o caçula ou o mais moço de todos. A casa era própria e foi vendida por 800$ em 1853 mais ou menos.

BATISMO

Fui batizado na matriz no dia 21 de março do dito ano de 1841, sendo meus padrinhos o já referido Pe. João Francisco Nogueira e D. Maria do Espírito Santo, espôsa do Capitão Joaquim de Paula Ferreira Campos.

Foi celebrante o mesmo Pe. João Francisco, com licença do respectivo vigário interino Frei Jacyntho de S. Anna.

MEU NOME

Dizia-me minha mãe que o nome de Paulino era um dos mais estimados na família do pai. Por isso botou-o num filho que ela muito estimava. Falecendo o menino, ela pranteou-o tanto que ela chegou a emagrecer e prostrar-se: todos os dias à noite havia de ir chorar sôbre a sepultura do filho; e assim passaram mêses e anos até que um dia, sabendo ela que um prêso da Cadeia Pública, que costumava mandar vender-lhe fio, ia ser executado na fôrca, suspendeu o pranto e resignou-se vendo quanto êsse pobre homem havia sido desgraçado por não ter morrido em criança. Mas não esqueceu-se ela, quando teve outro filho que foi eu, de botar-lhe o mesmo nome. Por muito tempo tive eu o desgôsto de ter êsse nome, primeiro porque estava persuadido de que não havia S. Paulino, segundo porque pouquíssimas pessoas conheciam eu como êle, sobressaindo entre estas um moleque muito fujão e sem-vergonha do Major Manoel Franklin de Amaral. Êste desgôsto acompanhou-me até o meu 4º ano da academia, quando eu ouvia missa na igreja de S. Frei Pedro Gonçalves, no Recife, recebi e li o "Oito de Dezembro", periódico que se distribuia gratuitamente aos domingos, no qual o primeiro

artigo que li foi a vida de S. Paulino de Nola. Poucas vêzes tenho tido tanto prazer. No dia seguinte o meu primeiro cuidado foi tratar de adquirir o retábulo ou registro de meu santo; e qual não foi o meu prazer quando numa loja da rua da Cadeia, no bairro do Recife, encontrei não só o de S. Paulino, bispo de Nola, como o de S. Paulina, virgem e mártir. Ainda possuo êstes registros em caixilhos dourados e os conservo na maior veneração. Antes disso só me fazia conhecer por Nogueira, apelido, porque ainda alguns colegas meus me conhecem, e que me veio de meu pai. O de Borges de Fonseca veio de meu avô materno, a pedido de minha avó.

MINHA MENINICE

Sempre me distingui por estas três qualidades: muito chorão, muito trabalhador e muito constante. Ainda me lembro tão grande já era de passar noites inteiras chorando sem ter de que, tirando de tudo pretexto para chorar ainda mais. Minha mãe Francisca, já falecida quem tratava de mim, era, coitada, quem muito sofria, com uma paciência aliás admirável: perguntava-lhe eu se me amava? Se respondia sim eu chorava porque ela só amava a mim e não aos outros manos; se queria me consolar respondia não, cada vez eu chorava mais porque ela não me amava. Enfim era tão chorão que creio que só por isto meu pai me castigou. Em compensação era eu muito trabalhador, sem ser travêsso cousa que nunca fui, mesmo na minha mais tenra meninice, segundo me asseveravam pais e manos. Vivia fazendo brinquedos, cavalinhos de pau, carrinhos, casinhas de barro, e manifestava muita tendência para a vida militar, pois sobretudo gostava muito de andar de espada, chapéu armado, montado à cavalo de pau, cousas essas que eu fazia muitas e bem feitinhas e com que eu metia inveja aos outros meninos que me procuravam imitar.

Quando maiorzinho fiz uma casa de barro que a muitos causavam admiração, e outros não acreditavam. Também cheguei a aplicar-me tanto com costuras, que já cortava calças e colêtes, e fazia-as com perfeição. Mas a mais agradável distração que tive em menino foi brincar a carneiro. Gostava tanto dêste brinquedo que minha mãe tinha por maior castigo privar-me dêle; e, com efeito, quando eu não podia sair a tarde no meu carneiro, ia passear pela cidade e arrebaldes, como o Pajeú, o Alto da Pimenta, chorava tanto que inchavam-me os olhos. Havia nesse tempo muito desenvolvido nos me-

NOTA — Êstes santos eu guardo hoje em nossa casa, onde são carinhosamente venerados. JC.

ninos o gôsto por andarem a carneiro, e eu era um dos mais apaixonados.

Avalie qual não seria o meu prazer se eu tivesse possuído uma selinha, e só por isto eu o estimava. Vingava-me com a cabeçudinha do carneiro, que eu trazia como um brinco. O primeiro carneiro que tive foi-me dado pelo hoje meu compadre Mirandolino Nunes Pinto, era prêto, pequeno e mau para andar, nem cabresteiro era.

Camilo, meu mano, trocou-o por um, grande e branco, tão bom que eu vendi-o, já grande chorando, por 20$, preço fabuloso nesse tempo. Ainda me lembro da razão porque deixei de andar à carneiro. Era eu já grande, que os pés me arrastavam, passeando uma vez ouvi umas negras dizerem "Que cavalão, matando o bichinho. Reconheci com efeito que era grande demais para andar com êsse brinquedo e deixei-o, bem triste. Era bom eu já desde tempo muito opinioso, nunca me deixava cair em contradição, e não voltava atrás do que dizia ou fazia quaisquer que fôssem as conveniências que me oferecessem. Em prova disto citarei alguns fatos: Andava eu ainda em camisona. Era muito amigo de nossa casa o arquiteto Francisco de Paula Tavares Coutinho, mais conhecido por Mestre Paula. Tanto êle como os filhos eram muitos habilidosos, liberais e amigos meus. Desde êsse tempo eu já me dizia caranguejo (palavra que hoje corresponde a conservador). Êles, para me experimentarem, ofereciam-me brincos muito interessantes que muito poderiam fascinar a um menino — sòmente para eu dizer que era liberal, mas nunca conseguiram de mim tal declaração. A minha mãe ouvi-os muitas vêzes me elogiarem por isto atribuindo a uma virtude muito preciosa, o que muito concorreu para nunca variar de conduta.

Outro: — Era costume as famílias passearem pela praia Pajeú e outros arrebaldes da cidade nas noites de luar. A minha costumava a fazer êsses passeios em companhia de outras amigas, e eu não a deixava e gostava muito de acompanhá-la. Mas um dia deliberou-se que menino não iria, e isto foi bastante para que eu nunca mais saísse de casa a despeito de todos os agrados que me faziam. Como êstes podia eu referir outros muitos fatos; mas não deixarei, para concluir, de relatar mais um sòmente.

Minha mãe foi sempre muito severa com os filhos e uma das faltas que nunca vi ela perdoar a êles foi atirar pedra ainda mesmo sem malícia.

Uma ocasião, brincava eu com outros meninos defronte da casa grande, quando apareceu um ferido. A princípio quisemos encobrir o caso salgando a ferida com areia; mas depois o sangue continuou

---

NOTA — Foi o tio Camillo quem decidiu isto. JN.

a correr e o caso veio a ser sabido e averiguado. Minha mãe declarou que só castigaria o culpado se êste fôsse descoberto, do contrário iriam todos ao castigo. Ainda sinto as relhadas que levei, mas não denunciei o delinqüente, que era aliás um menino da casa vizinha.

MINHAS PRIMEIRAS LETRAS

Nem eu nem meus manos nunca fomos à escola pública, todos aprendemos a ler em casa, os mais velhos ensinando aos mais moças; mas meu pai foi sempre quem meteu a carta de abc nas mãos dos filhos. Dos meus manos com quem mais aprendi foi a princípio com minha mana Joana, já há muito tempo falecida, e depois com o meu mano Pedro, com quem conclui os estudos elementares nos doze anos, tendo começado dos 9 as 10 anos de idade. Não era isto pròpriamente o resultado de um sistema, mas o efeito da economia a que meus pais muito pobres se viram obrigados, não podendo ao mesmo tempo preparar tantos filhos para a escola pública. O que é certo que assim aprendemos o que nesse tempo se ensinava de primeiras letras, e de minha parte nunca tive mêdo de argumentar com os muitos sabedores das aulas públicas. Preparei-me para os estudos superiores, sem nunca ter levado um só bôlo. Apenas me lembro que um dia meu pai deu um piparote.

MEUS PREPARATÓRIOS

Matriculei-me na aula de latim do Liceu aos 12 anos de idade completos em 1853 para 1854, sendo diretor o Dr. Pe. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, hoje senador e meu lente o Pe. Hypolito Gomes Brasil, hoje cônego e governador do bispado. Em dois meses e vinte e sete dias dei tôda a artezinha de Pe. Antônio Pereira e passei a traduzir História Sagrada, com a decúria que já encontrei traduzido quando me matriculei. Êste progresso que eu apresentei causou grande admiração na aula; pois nesse tempo eram apontados como os melhores alunos os que davam a gramática durante o ano quando não em ano e meio e dois anos.

Alguns dos meus atuais ou novos colegas, que já se acharam traduzindo quando me viram balbuciando os primeiros rudimentos da artezinha, não se puderam porém conter, mostraram-se rebaixados e quiseram abandonar a aula; mas, cedo tiveram de se resignar; porquanto eu não só os tinha igualado, pouco, depois passei-os, concluindo êste preparatório em dois anos, ao passo que êles só ficaram nêle prontos depois dos quatro anos, que era o tempo regular. Nesse biênio dei a artezinha, Epítome da História Sagrada, Eutró-

pio, fábulas de Phaedro Cornélio, Salústio, Virgílio, Tito Lívio e Horácio.

No ano seguinte, isto é, no 2º ano da minha entrada no Liceu, matriculei-me também em Francês, tendo por lente o Dr. José Lourenço de Castro e Silva, e, nesse mesmo ano fiquei pronto na matéria, fiz exame em Fábulas de La Fontaine e Telêmaco (eram os livros adotados), e fui aprovado plenamente, que era a melhor aprovação conferida pelo Estabelecimento. Também na regra nesse tempo dar-se o francês em 2 anos e assim vendo eu abreviado um ano tive de ter por colegas aquêles que à minha entrada chegaram até a me tomarem lição. Um dêste, o que muito se reputava habilitado, julgou-se ofendido por ter sido igualado a um principiante; mas cedo teve de ser castigado em seu orgulho, porque no fim do ano tendo de prestar exame só não saiu reprovado a instâncias do lente, que o protegia. Em Dezembro os estudantes deram um baile no quartel de 1ª linha em comemoração das férias, e nessa ocasião o Dr. José Lourenço me apresentou ao presidente da província, conselheiro Francisco Xavier Pais Barreto, como o seu discípulo mais aprovitado. Com igual aproveitamento preparei-me ainda em Inglês, tendo a princípio por lente o Cap. João de Macedo Pimentel e depois o Dr. Gonçalo de Almeida Souto, bem como em Geografia (lente Dr. Pompeu), Filosofia (Pe. Luiz Vieira da Costa Delgado Perdigão) e finalmente Retórica, sendo lecionado a princípio pelo Dr. Esmerino Gomes Parente, depois pelo cônego Manuel Roberto Sobreira e finalmente pelo substituto da cadeira, Pe. Luiz Vieira; Mas dêstes últimos só fiz o exame em geografia, tirando aprovação plena. Foi irrepreensível o meu procedimento e grande a minha assiduidade. Minha mãe me vendo um dia aflito por estudar as minhas lições, apesar de doente que estava na ocasião, tranqüilizou-me dizendo que meu mano Pe. pedindo ao Pe. Hypólito lhe respondera que eu por ora só lhe tinha dado gostos.

Com efeito, nesse tempo, era permitido o castigo de palmatoadas na aula de latim, castigo que tanto o Pe. Hypolito como o Pe. Antonino Pereira de Alencar, ambos lentes, sempre usaram, mas nunca comigo, antes sempre me dispensaram estima e benevolência.

MEUS ESTUDOS NO RECIFE

Meu mano Antônio estabeleceu-se em 1859 no Recife, como sócio da casa comercial Caminha Irmãos & Cia. e conhecendo os meus desejos de seguir os estudos e formar-me em direito, mandou-me convidar para ir para a sua companhia afim de realizar o meu intento, ajudando-me êle com casa, comida, etc.

Tratei de preparar-me, e faltando-me recursos a despeito dos bons desejos de meu mano Pe., tive de aceitar um lugar de engaja-

do na Secretaria do Liceu, mediante a gratificação mensal de trinta mil réis, sendo nomeado pelo Vice-presidente da Província, Cel. Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, em ofício n.º 114, d e29 de julho de 1859 e entrando em exercício a 3 de agôsto, sendo diretor interino o Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra em substituição do efetivo o vigário Pe. Carlos Augusto Peixoto de Alencar, que andava em visita às aulas da Província. Mal gozei dos vencimentos três meses, exercendo o lugar convenientemente com os meus estudos nas aulas de Retórica e Filosofia. Com êsse dinheiro (noventa mil réis) e mais adjutório de meu mano Pe., parti para Recife com passagem do Govêrno no vapor Iguarassu, da companhia pernambucana, comandante Moreira, a 22 de dezembro do mesmo ano, levando apenas na algibeira dezesseis mil réis, que deu meu mano Pe. Tinha eu 18 anos de idade e era a primeira vez que eu me separava da família, a quem sempre fui muito apegado.

Apesar do grande desejo de completar a minha educação era para mim um sonho doloroso a minha partida. Tendo de embarcar as 4 horas da tarde, já de manhã cêdo eu chorava a valer, e na ocasião da despedida de minha mãe e irmãs não sei como afinal me resolvi a caminhar e separar-me: soluçava desde casa até a praia, causando até aflição aos parentes, amigos, e colegas que me acompanhavam ao bota-fora. Em suma, deixei as plagas cearenses às 6 horas da tarde, sábado das muitas pungentes saudades e sufocado por copioso pranto, que só cessou quando o enjôo tomando conta de mim prostou-me de todo até chegarmos ao pôrto ou barra do Aracati, no outro dia por volta das 9 para às 10 horas da manhã. Até aí eu não tinha comido nem bebido nada a bbrdo senão umas limonadas que muito bem me fêz. Do Aracati em diante não enjoei, mas, antes, comecei a passar muito bem, a comer muito, e de tudo, ao saltar nos portos de escala e gozar de todos os passatempos que um passageiro modesto podia desfrutar. No dia 26, pelas 11 da manhã, chegamos a capital da Paraíba, onde estava o imperador com tôda a sua comitiva por ocasião de sua visita ao norte do império. Por esta razão tivemos de demorarmos, para sairmos no outro dia à tarde. Pela primeira vez vi D. Pedro II, como que me parecia um sonho, principalmente à vista do entusiasmo ou quase delírio com que êle era tratado. A hora certa e oportuna estava em bordo, pronto para seguir viagem. Nessa ocasião, soube que o nosso comandante não tinha ido à terra, receoso de encontrar-se com duas manas que aí viviam prostituídas. Às 4 horas mais ou menos, da tarde, partimos para o Recife.

NOTA — Terminou o meu engajamento em Nov. seguinte em virtude de ordem do então presidente Dr. Antônio Marcelino Nunes Gonçalves; (Nota tirada de outro caderno).

Foi uma encantadora viagem como nunca mais eu tive outra. Enquanto houve dia conservei-me no tombadilho do vapor, contemplando a linda paisagem ou espetáculo que de quando em vez se ia desenrolando aos meus olhos; sobretudo deleitava-me em demasia ver os peixes em cardumes, quando o sol já se ia pondo, ir saltando como que brincando diante do navio. Lembrei-me daquêles lindos versos que li na "Confederação dos Tamoios", de Magalhães, falas de uma canoa que se deslizava pelo rio.

"Eia canoa, eia Lutando voa
Como êsses peixes que lá vão fugindo"

Depois, ao crepúsculo, reapareceram-se-me as saudades do torrão natal, da família e dos amigos. Com os olhos arrasados em lágrimas e profundamente tristes recitei e repeti comigo mesmo até a saudade êsses sublimes versos de Garrett, do Canto V, de seu imortal poema Camões.

"Além, por êstes azúis do vasto mar,
Na solidão melancólica das águas
Ouvi gemer a lamentosa Alcíone
E com ela gemeu minha saudade.
Alta noite ouvi o carpir fúnebre
Do nauta que suspira por um túmulo
Na terra de seus pais. A longos pios
D'ave triste ajuntei meus ais, mas tristes
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

Ao romper d'alva já eu estava acordado no tombadilho, aguardando a nossa chegada ao pôrto do Recife. O comandante perguntou-me se eu já não descobria alguma cousa? Observei muito na direção em que íamos e respondi que via ao longe uma cousa que se me afigurava uma mata de canaçu, como as do Ceará. O comandante riu-se muito, deu-me depois o binóculo, e mandou-me que observasse de novo; foi então que verifiquei que eram os mastros dos muitos navios que estavam fundeados no pôrto. Daí há pouco fundeamos em paz e salvamento.

MINHA CHEGADA AO RECIFE

Cheguei ao Recife às seis horas da manhã pouco mais ou menos, do dia 28 de dezembro de 1859 e dirigi-me para a casa do meu mano Antônio na rua ou praça do Livramento nº. 2, esquina do be-

co do Peixe Frito, sobrado de dois andares. Eu fiquei morando no 1.º andar cercado da proteção e agrado de meu mano; mas cedo durou êste estado de cousas e abriu-se para mim inesperadamente uma situação pungentíssima que ainda tenho impressa na memória, e não sei quando se apagará. Passados mais de dois meses, Antônio dirigiu-se a mim em particular e referiu-me com lágrimas nos olhos a situação precária da sua casa, dizendo que tinha sido iludido pelos seus companheiros, que lhe ocultaram o estado do estabelecimento quando o convidaram para associar-se mas que últimamente havia sabido de tudo e que o único meio que tinha ainda para salvar-se era fugir quanto antes e aguardar do tempo, dos homens e de Deus a justiça que merecia. Calou-se porque o pranto embargava-lhe a voz.

Depois continuou entre soluços: O que mas me dói é nada poder deixar-te senão dolorosa aflição pela certeza de meu desgraçado estado e da minha próxima e infalível separação; mas tendo alguns patrícios acadêmicos (declinou os nomes, mas não me convém decliná-los) que sempre me procuraram em apertos e eu os servi pelo que ainda me são devedores, dirige-te a êles e põe-lhes o teu infeliz estado, e pede-lhes em nome ao menos dos favores que lhes fiz que te acolham enquanto recebes providências do nosso bom mano Pe. a quem tudo deverás comunicar na primeira ocasião. Ainda bisonho no meio de uma sociedade desconhecida e imensa compreende-se quanto êsse golpe devia ter-me fulminado, não me achando absolutamente preparado para êle. Abraçamo-nos por muito tempo como se fôsse essa a última despedida desta vida. Não podíamos falar porque cada qual chorava com mais abundância... Por fim escreveu êste pedacinho numa tira de papel: — "É preciso que não durmas mas aqui esta noite.

Adeus, Paulino, mano do coração." E entregando-me êste bilhete, retirou-se demoradamente dando tempo a recobrar a calma e as feições naturais.

Depois de quase uma hora de completa prostração, apareceu-me a reação e a energia, que já desde muito não me abandonava nos momentos supremos.

Eram seis horas da tarde do dia 3 de março de 1860. Imediatamente dirigi-me à Rua Nova onde moravam uns patrícios do 4º e 5º anos, aos quais Antônio me havia recomendado. Falei-lhes em passar naquela noite os meus trens para a sua casa enquanto eu tratasse de me arrumar melhor, pedindo-lhes por ora que não me inquerissem do motivo de tão estranha resolução. Todos responderam-me afirmativamente e ofereceram-me até cômodo na casa se eu quisesse ficar como companheiro. Pouco depois de oito horas eu estava mudado.

Como não desejo perpetuar ressentimentos contra pessoas que já tem pago demais as amarguras que me fizeram tragar nesta noite, não quero declinar-lhes os nomes, mas não me pouparei jamais ao trabalho de referir sempre com exatidão todos os pesados sofrimentos por que passei nessa quadra duplamente precária de minha mocidade. Quando eu voltei definitivamente à minha nova residência, um dos meus novos companheiros, o que parecia tratar-me com mais benevolência, procurou logo em reserva e amizade saber de mim qual a causa de minha separação tão extemporânea de meu irmão. Era ainda cedo para lhe dizer tudo; mas dei-lhe a entender que a minha situação era triste e sem recursos, por enquanto. Isto foi logo sabido de todos e foi parte desde então para me dirigirem as mais cruéis alusões e picardias, começando por à hora do chá não me chamarem para a mesa muito propositalmente. Deitei-me, mas não pude dormir um só instante, porque eu tinha a cabeça cheia de tempestades. Já por fim os meus mais ardentes votos eram que o dia amanhecesse. Ás seis horas da manhã já eu estava calçado e na rua mais para evitar encontrar-me mais com essa gente do que com esperança de conseguir melhor arranjo. Felizmente uma das primeiras pessoas com quem me encontrei foi com um estudante de preparatórios, Celestino Gomes de Oliveira, moço rico e sério, filho do Rio de Janeiro, com o qual já eu tinha tais ou quais relações, nascidas da nossa vizinhança no pátio do Livramento. Êle dirigindo-se a mim disse-me pouco mais ou menos isto:

"Folgo muito de vê-lo; porque tendo ido procurá-lo à sua casa não achei-o, tinha de voltar para falar-lhe, mas encontrando-o aqui aproveito logo o ensejo para dizer-lhe o que desejo. Assisti ao seu exame de Retórica no Colégio das Artes e fiquei certo de que você é mestre e não discípulo. Querendo tomar um explicador desta matéria, de que tenho de fazer exame brevemente, ia convidá-lo para isto começando de hoje, para não perder tempo, retribuindo-lhe devidamente o seu trabalho."

Respondi-lhe que desejava muito prestar-lhe qualquer serviço, mas não podia comprometer-me já à vista do desarranjo de minha vida, que em poucas palavras dei-lhe a conhecer judiciosamente qual era. "Bem, replicou êle, vamos para a minha casa, onde você terá aposento e mesa em retribuição do serviço que você me vai prestar de lecionar-me: é um favor pago com outro maior.

Mais tarde se lhe não agradar a companhia então mude-se".

Hesitei por um pouco em aceitar o oferecimento, alegando não ter eu relações com o seu companheiro Antônio de Paula Pereira Pacheco, terceiranista da Faculdade, apesar de meu patrício; mas o bom Celestino desvaneceu-me de todo e qualquer receio, e con-

cluiu dogmàticamente: Vá já buscar os seus trastes que eu volto para a casa para esperá-lo."

Às oito horas eu já estava mudado sem que o pressentissem os famosos companheiros da Rua Nova, para o pátio do Livramento nº 25 sobrado, onde recebi enquanto lá estive, provas de bondade de ambos, Celestino e Antônio Pacheco. A noite voltei à Rua Nova e fiz as minhas despedidas como desentendido de tudo. Conservei por muito tempo os nomes dêsses heróis em meus apontamentos porém mais tarde inutilizei-os (embora não os possa jamais riscar da mente) depois que vi um demitido de promotor por ébrio, outro processado como juíz municipal por prevaricação, outro pronunciado por furto e perdoado a esforços meus, e finalmente outro foragido de seu têrmo para evitar a justa vingança de uma família, pérfida e deslealmente desonrada. De dois dêles tenho dezenas de cartas pedindo-me favores, que sempre tenho procurado satisfazer, e protestando-me imensa e decidida dedicação. Nunca lhes toquei em cousa alguma, e acredito que êles estão persuadidos de que nem sequer lembrança mais me resta dêsse meu triste passado. Êle nunca mais se riscará de minha memória, não para vingar-me pois não sou vingativo, mas para ter bem presente essas proveitosas lições de experiências, que tão cedo me fizeram conhecer bem os homens.

MEUS PREPARATÓRIOS

O primeiro exame que fiz foi o de Retórica em princípios de fevereiro de 1860, sendo aprovado plenamente. O conselheiro Autran, que presidia a mesa na ocasião da votação, tomando 5 esferas brancas deitou-as na urna, dizendo eu voto por todos já que de outro modo não posso significar o meu aprêço à êste exame que foi de um mestre. Por êsse tempo a maior aprovação era plenamente. Em março fiz Francês e Filosofia e saí aprovado simplesmente com manifesta injustiça. Na Mesa de Francês fêz também exame um moço da Bahia, filho de uma viúva que tendo perdido o braço direito escrevia com o esquerdo. Por isso merecia êle de todos muita complacência, tendo conseguido quase filar todos os seis preparatórios que já havia feito. Esperava filar o último, fiado na escandalosa proteção que todos lhe prodigalizava, mas foi tão mau o seu exame que foi reprovado. Os examinadores contrariados com êste resultado, assentaram de reprovar os da mesma turma, escapando apenas de tão iníqua combinação eu e um mocinho de Pernambuco. Em Filosofia sofri um R. do lente da Cadeira, Dr. Antônio Herculano de

---

NOTA — Conservo em alta estima o retrato de Celestino, oferecido a meu pai por ocasião da formatura - JN.

Sousa Bandeira, porque declarou êle estar convencido de que eu havia copiado a prova escrita, tão boa estava. O ponto que me saui foi: — "Qual é das faculdades humanas a primeira que se desenvolve? — " Separando-me da doutrina de Charma (compêndio) que pensa ser a inteligência, sustentei a que ainda hoje sustento que é a sensbilidade.

Tinha ainda muito presente os argumentos de Damiror e servi-me dêles com felicidade. E porque fiz uma boa prova saí simplesmente. Desanimado com êste resultado e com o que me havia acontecido com relação a meu mano, entendi dever sustar os meus exames, aguardando melhores tempos. Matriculei-me em março em Inglês, Geografia no Colégio das Artes. Êste último preparatório tive eu de dar ainda no Colégio Bom Conselho com o Dr. Herculano, porque o lente da cadeira, Dr. João Vicente da Costa, além de desmoralizado, não sabia a matéria. No meado do ano recebi cartas de meu mano Pe. Nogueira, dando-me mesada de 25$000 mensais (vinte e cinco mil réis). Com mais êste pequeno mas muito proveitoso auxílio entendi que não devia continuar a receber favores de Celestino e Pacheco (aos quais sempre me hei de considerar grato pela amizade com que me trataram) e não sem instâncias dêles para que eu continuasse, mudei-me para a Rua Augusta, nº 2, onde fui morar com João Tomé, Antônio Augusto da Frota Menezes, do Ceará, Jefferson Mirabeu das Mercês Gordo, do Rio Grande do Norte, e Ramos Filho, da Paraíba. Não obstante os minguados recursos de que dispunha todavia tal era a rigorosa economia a que eu me submetia que sempre tive com que satisfazer as mais urgentes necessidades enquanto outros recursos abundantes, mesadas francas viviam na onça (linguagem acadêmica) e raro era o mês em que não ficavam devendo alguma cousa. Já quase no fim do ano tive grande contrariedade, que será conveniente não omitir. No fim do mês de outubro, quando eu contava receber a minha escassa mesada para atender a muitas necessidades o meu tirano correspondente (um tal José Francisco de Sá Leitão), com escritório na rua da Cadeia no Recife, surpreendeu-me duramente negando-me a mesada sob protesto de que a pessoa que no Ceará mandava dá-la (Mendes & Irmãos) não tinha mais crédito em sua casa. Debalde lhe reflexionei que já estando no fim do mês e a quantia sendo tão pequena, êle me faria um benefício se m'a desse e não teria nenhum prejuízo, porque no caso de dúvida eu poderia restituí-la. "A nada o bruto se moveu." No dia seguinte felizmente saia o vapor para o Ceará, e eu escrevi à minha mãe, que aflita tratou entretanto de providenciar na ausência do meu mano Pe. proporcionando-me outro correspondente o comendador João

---

NOTA — Êste sei quem é. JN.

Batista de Castro e Silva então inspetor do Tesouro Geral de Pernambuco. Quando pela 1ª. vez eu recebí a mesada do meu novo correspondente tive muito acanhamento por ser uma quantia tão pequena mais também notei que êle ficou vexado pagando-me com moedinhas novas de prata de 500rs., dinheiro nesse tempo muito raro; o que provava que êle também estava em circunstâncias financeiras pouco prósperas. No fim do ano letivo fiz exames de Inglês e Geografia, saindo aprovado plenamente no primeiro e simplesmente no segundo, assim como todos os meus companheiros de turma. Seguindo-se as férias, os meus companheiros tiveram de passá-las com as suas famílias e eu mudei para a rua do Sol n.º 53 à convite de meu amigo Celestino, tendo então por companheiros Francisco Cordeiro da Rocha Campelo, quintanista, e João Adolfo Ribeiro da Silva (cascabulho). Durante as férias tratei de aperfeiçoar-me nos dous últimos preparatórios que me faltavam, Latim e Geometria, para fazê-los em março e então matricular-me. Em março de 1861 mudei-me para o 3º andar do sobrado nº 5 da rua do Rosário Larga (Hotel Trovador) sendo meus companheiros os meus patrícios Francisco Gonçalves da Justa e João de Holanda da Cunha. A 3 fiz exame de Latim e a 13 o de Geometria, saindo em ambos aprovados plenamente. Supunha eu que um dos maiores prazeres que havia de ter seria quando fizesse o último preparatório, mas enganei-me. Os meus companheiros de casa sabiam que eu havia feito o último exame e contando com a minha aprovação esperavam-me em casa para abraçar-me. Entretanto, nessa ocasião, acudiram-me à mente todos os meus desgostos e desventuras de que já falei, e, em vez de alegria, chorei durante todo o dia, copiosamente; de sorte que a princípio meus companheiros supunham que tinha sido reprovado.

MEU 1º ANO ACADÊMICO

No dia 27 de março de 1861 matriculei-me no 1º ano da Faculdade de Direito do Recife como o nº da matrícula 27. Eram meus lentes, de Direito Natural o Dr. José Antônio de Figueiredo e de Direito Romano o Dr. Tarquínio Bráulio de Sousa Amaranto. Desde abril comecei a morar na rua da Imperatriz nº 34, 3º andar, com os meus antigos companheiros João e José Tomé, Antônio Augusto, Mirabeau e um novo, José Austregésilo Rodrigues Lima, filho de Sobral, acadêmico do 3º ano. Êste meu ano foi o maior que até então apareceu na academia. Constava de 127 estudantes e perto de 30 ouvintes, que na linguagem acadêmica chamava-se "música".

Estudei muito e posso afiançar que não cuidei de outra cousa; de modo que no fim do ano fui chamado de preferência pelos colegas para lecionar-lhes o ponto e fiz um ato que os mais entendidos e

imparciais qualificaram de primeiro do ano. Fôsse ou não verdade, o que é certo é que foi principalmente daí que nasceu a boa reputação que tive nos demais anos até formar-me.

Foram meus examinadores o Dr. Tarquínio, Dr. Manuel do Nascimento Machado Portela e o Dr. Figueiredo, que presidiu o ato. A minha aprovação foi plena, a melhor dêste tempo; mas estou convencido que teria louvor ou distinção se m'a pudessem dar os meus examinadores, à vista das palavras de animação que me dispensaram no ato. A, sim, tive sumo prazer, não só por ver coroados os meus esforços, como por aproximar-se o tempo de abraçar a família e as pessoas de amizade.

MINHAS FÉRIAS DE 1862

No interêsse de economizar quanto possível, em vez de tomar passagem nos vapores da companhia pernambucana, comprei-a no iate "INVENCÍVEL" que devia seguir até o Aracati, para daí então partir para a Fortaleza; mas errei completamente nos meus cálculos; pois por êsse modo a viagem não só tornou-se mais dispendiosa como muito mais incômoda e arriscada.

Com efeito comprei a passagem por 45$ e parti de Recife a 6 de novembro de 1861 ao romper d'alva em companhia de alguns estudantes pobres que como eu queriam economizar. Cedo logo comecei a arrepender-me do mal que havia feito. O iate muito pequeno e cheio de gente era um brinco no meio das ondas.

Enjoar dessa vez foi só chegar ao navio, onde passei por quase dois dias por cima de uns jirimuns a lançar e a dormir. No 3.º dia foi que eu fui dando acôrdo de mim, e então compreendendo tôda a extensão de meu êrro.

Pouco acostumado com a luta dos elementos, vi-me algumas vêzes perdido no meio daqueles altos mares encapelados a alta noite. Por vêzes o navio subia tão alto e descia tão baixo que lembrei-me daquêles lindos versos de Camões referentes a nau de Vasco da Gama em um dia de tempestade;

> "Via o mar até o inferno aberto
> Ora com nova fúria ao céu subia"

Assim chegamos a Macau do Rio Grande do Norte, no dia 12, pela manhã, e no dia seguinte partimos para o Aracati, em cujo pôrto fundeamos no dia 15 por volta de meio dia. Levava eu cartas de um amigo patrício para um tal João de Deus; mas êste, em vez de hospedar-me como eu esperava, mandou-me para a casa de uma tal Maria Betú, onde estive perto de três dias, pagando pela hospedagem seis mil réis. No dia 18 segui para a Barra, afim de esperar o vapor da

Companhia Pernambucana, que me devia levar à capital. Na Barra estive em casa de uma preta fôrra de nome Praciana, muito conhecida dos passageiros e das pessoas que transitam pelo lugar pelo muito agrado que a todos dispensa. No dia 19 à tarde embarquei a bordo do Jaguaribe, já tendo até aí gasto muito mais do que se tivesse desde o Recife tomado passagem no vapor.

O Jaguaribe ia carregado de estudantes, amigos, de modo que levei uma viagem muito alegre até o outro dia pela manhã cedo quando chegamos à Capital. Muito poucas vêzes tenho tido tanto prazer como quando conheci que já sulcava as águas do Ceará. Não sei em que tempo pus-me em casa, encontrando todos quase ainda deitados, exceto minha mãe, que veio abrir-me a porta. Quando a pobre velha me reconheceu não pôde deixar de verter lágrimas de alegria a que eu soube corresponder, como filho amoroso que sempre fui. Meu mano Pe. Nogueira estava na capital como deputado provincial, e era presidente da Assembléia. Esta circunstância, reunida à outras, muito concorreu para que as férias me corressem como podia desejar; não me faltavam festas, nem convites para divertimentos, e eu não deixava de ir a um só, regalando-me a fartar, como queria recuperar o tempo perdido. Em um baile, que deram em palácio ao Dr. Manuel Antônio Duarte de Azevedo, presidente da Província, por ocasião de retirar-se para a côrte, eu diverti-me tanto que no outro dia amanheci moído.

Bons tempos êsses que não voltarão mais...

AS SEGUINTES FÉRIAS

Assim passaram-se tôdas as minhas férias seguintes até que formei-me, isto é, tomei o grau de Bacharel em direito e regressei por uma vez à província. Um ou outro acidente na vida humana, por de todo insignificante, não vale a pena referir.

MINHA FORMATURA

Formei-me a 22 de dezembro de 1865, a uma hora da tarde. Morava eu então na rua S. Amaro, n.º 5, na casa de D. Maria Gertrudes Pereira, mulher do comandante de navio Antônio Gomes Pereira. Fui ai sempre muito bem tratado.

A seis de janeiro embarquei para o Ceará num dos vapores da Companhia Pernambucana, e cheguei a Fortaleza no dia 11 à tarde, sem novidades.

No dia 16 fiz sociedade de advogacia com os Drs. Jaguaribe e Souto e comecei a colaborar na Constituição, de que era redator aquêle Dr.

Devo abrir aqui um parênteses para dizer que no meu 5º ano publiquei com o meu colega Henrique Mamede Lins de Almeida um jornal conservador, denominado "Crença", que acabou-se com a nossa formatura. Êste jornal teve boa voga e na academia causou tanta cismada aos meus desafetos que resolveram criar outro jornal — "A Mocidade Acadêmica", em oposição à "Crença".

Também devo referir que, instado por vários colegas, apresentei-me candidato à oratória no quinto ano para representar os meus colegas na ocasião do grau. As coisas começaram em paz, mas por fim chegaram a tal ponto que todo o quinto ano dividia-se em nortista e sulista, sendo eu o candidato do norte, e candidato do sul outro cearense Teodoro Carlos de Farias Souto.

Contava eu com o triunfo certo quando no dia da votação, graças à traição de alguns colegas meus, dos mais entusiastas da minha candidatura, mas que se deixaram corromper por pedidos de senhores, fui com surprêsa geral derrotado, sendo eleito meu competidor com 41 votos e obtendo eu 36.

Desde então e ainda muito cedo fiquei eu conhecendo o que é eleição livre e pura, mesmo entre acadêmicos.

Eleito de uma maneira tão pouco digna, não pôde meu competidor fazer o discurso da colação de grau, e perdendo assim o seu trabalho, visto ter adoecido gravemente. Para substituí-lo foi eleito outro, Luiz Antônio Ferreira Souto Jr., que tendo levado um R. no 5º ano, foi por isto eleito mediante acôrdo de todos, como uma prova de aprêço dos colegas.

Ainda no 3º ano fui aclamado e depois eleito presidente do "Ensaio Jurídico", sociedade de acadêmicos do 3º ano para cima, e fiz parte de outras muitas, tanto literárias como de dansa, lembrando-me neste momento da "Coribantina", sociedade acreditada de dança na qual belas horas passei.

NOTA — Veja o seu retrato no álbum, notícia sôbre o seu falecimento em Outubro de 1917.

NOTA — Meu pai faleceu a 15 de junho de 1908 às 2 horas e cinqüenta minutos da manhã (segunda-feira).